

# Proteção legal de património arqueológico: procedimentos

---

\*Arqueóloga, DGPC  
mramalho@dgpc.pt

Maria Ramalho\*

## Forte e estação arqueológica de Lovelhe

**Classificação do Sítio como de Interesse Público.  
Portaria n.º 508/2018, de 3 de outubro**

O forte e a estação arqueológica de Lovelhe, nome da freguesia local, integram o património existente no concelho de Vila Nova de Cerveira. O sítio localiza-se no topo de uma pequena colina sobranceira à margem esquerda do Rio Minho, correspondendo, em termos geológicos, a um terraço fluvial atualmente ocupado por pinhal e terrenos agricultados. O bom domínio visual sobre a paisagem envolvente e a fertilidade dos terrenos limítrofes terão contribuído para que aqui se instalassem, desde pelo menos o século I a.C., diversas comunidades humanas. A primeira ocupação do local, que foi detetada no decurso de intervenções arqueológicas orientadas pelo Professor Doutor Carlos Brochado de Almeida, data da Idade do Ferro e corresponde a um povoado fortificado, que, inicialmente, abrangeu toda a área da colina, mas cuja muralha em terra e o respetivo fosso são apenas visíveis no flanco noroeste.

No interior do perímetro amuralhado, detetaram-se algumas estruturas habitacionais de planta circular e retangular compostas por silhares de pedra. De forma a garantir a estabilidade destas construções foram criados também pequenos patamares apoiados em muros.

Sobre este núcleo da Idade do Ferro implantou-se, já no século I d.C., uma *villa* romana, que contou com um edifício de certa monumentalidade, tendo sido exumados mosaicos, fustes e capiteis. Posteriormente, a *villa* foi sendo reformulada, verificando-se, até pelo menos ao século V d.C.,

diversas alterações. Ainda do Período Romano, é de destacar a importância de outras realidades patrimoniais dispersas no território envolvente, como uma antiga estrada da rede viária secundária, bem como um complexo mineiro designado como «Couço do Monte Furado», que, juntamente com a proximidade do rio e a fertilidade das terras, faziam deste um local privilegiado.

Sobre as ruínas da Época Romana irá erguer-se, já no Período Suevo-Visigótico, uma nova muralha, sendo ainda de referir, provavelmente também do mesmo período, um forno cerâmico implantado junto ao rio. Do Período Medieval, são de destacar também os vestígios de uma antiga igreja situada na vertente norte do outeiro.

O Forte de S. Francisco em 1642, mandado construir pelo General D. Francisco de Azevedo, marca uma nova ocupação do espaço, aproveitando o posicionamento estratégico do morro. Trata-se de uma fortificação abaluartada, que, no decurso das Guerras da Restauração, serviu para defender a passagem do rio em articulação com o Forte de Cerveira, sendo posteriormente utilizada durante as Invasões Francesas.

Apresenta uma estrutura de planta pentagonal, com cinco baluartes, construída em silhares irregulares de granito, formando dois paramentos paralelos, que, pelo interior, se encontram preenchidos por terra e seixos. Nos cunhais dos baluartes e respetivos vãos, a estrutura foi reforçada com cantaria aparelhada. Em cada um dos ângulos avançados dos baluartes erguem-se guaritas circulares assentes em mísulas, também circulares. Apresenta uma única entrada a sudeste, composta por um arco de volta perfeita encimada por uma cornija reta. Transposto este portal, a zona que deveria corresponder ao túnel da entrada já não existe, terminando num outro vão, igualmente em arco de volta perfeita.

O recinto interior encontra-se muito alterado pela acumulação de terras e antigos materiais de construção, preservando no entanto no exterior um fosso escavado no afloramento com uma largura de cerca de 4 m, bem como uma contraescarpa feita de terra e seixos.

## **Estação Paleolítica do Casal do Monte**

### **Desclassificação do Sítio.**

**Portaria n.º 425/2018, de 20 de agosto**

A estação paleolítica do Casal do Monte localizava-se no topo de um pequeno morro, na Serra de Montemor, junto a um marco geodésico e a cerca de 124 m de altura, na margem esquerda da ribeira da Póvoa, sobranceiro à fértil várzea de Loures. Foi, em tempos, considerado um sítio arqueológico de referência do Paleolítico dos arredores de Lisboa, correspondendo a uma jazida de superfície, onde, desde a sua descoberta na primeira metade do século XX, foram recolhidos milhares de artefactos líticos talhados em sílex e quartzito, atribuídos ao Paleolítico Inferior.

Apesar de o sítio ter sido classificado em 1971, como reacção e medida de protecção do local, a incapacidade de compatibilizar a salvaguarda deste património com a expansão urbanística dos territórios limítrofes da cidade de Lisboa levaram a que o mesmo fosse paulatinamente destruído. O balanço sobre o real interesse científico deste arqueossítio, bem como da efetiva afetação verificada através da realização de uma série de trabalhos arqueológicos, permitiu concluir que a classificação patrimonial do Casal do Monte deveria ser revogada, confirmando-se, assim, o impacto negativo das obras realizadas no local ao longo dos anos.

Além dos materiais arqueológicos expostos no Museu Municipal de Loures, existem ainda artefactos oriundos deste sítio nas coleções do Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia, do Museu Nacional de Arqueologia, do Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto e do Museu Municipal da Figueira da Foz.